



O SONHO ACABOU! ABANDONO DA CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS PROFISSIONAIS DE FUTEBOL

THE DREAM IS OVER! ABANDONMENT OF ATHLETE SPORTS CAREER PROFESSIONAL FOOTBALL

*Fernando Jaime González, **Robson Machado Borges e ***Alexandre Sfalcin

RESUMO

O foco deste estudo direciona-se a conhecer os motivos e as consequências do abandono da carreira esportiva no futebol profissional. A descrição e análise centram-se em ex-atletas que iniciaram no futebol do interior do Rio Grande do Sul e não conseguiram permanecer ou fazer parte de um “time grande”. Para tanto, entrevistas foram realizadas com sete ex-atletas. Os resultados sugerem que os principais motivos do abandono da carreira esportiva se centraram nas precárias condições de trabalho oferecidas aos jogadores nos clubes do interior da região sul. Enquanto que o abandono tem como uma de suas principais consequências às dificuldades para a reinserção no campo laboral.

Palavras-chave: Sonho. Futebol Profissional. Abandono.

ABSTRACT

The focus of this study directs to know the reasons and the consequences of abandoning the sport career in professional football. The description and analysis focus on former athletes who started in the interior of Rio Grande do Sul football and could not remain or be part of a “big time”. Several interviews were held with seven former athletes. The results suggest that the main reasons for the abandonment sports career focused on poor working conditions offered to players in the interior of the clubs in the southern region. While the abandonment has as one of its main consequences of the difficulties for the reintegration in the labor field.

Key-words: Dream. Professional Football. Abandonment.

Recebido em: 20/06/2016

Aprovado em: 06/07/2016

*Fernando Jaime González
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ
Email: ffg@unijui.edu.br

***Alexandre Sfalcin
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ
Email: alesfalcin@bol.com.br

**Robson Machado Borges
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ
Email: robson.borges@unijui.edu.br



INTRODUÇÃO

O futebol, indiscutivelmente, faz parte da vida dos brasileiros. Pode-se dizer que esse esporte atravessa, de alguma forma, a vida da maioria das pessoas no país, à medida que muitos o praticam semanalmente ou o consomem através dos meios de comunicação (televisão, rádio, jornal, internet, entre outros) ou se deslocando aos estádios para torcer pelo seu clube do coração. Mesmo aqueles que não gostam do esporte (con)vivem com pessoas – pais, filhos(as), namorados(as), colegas de trabalhos, etc. – que dedicam tempo para acompanhar esse fenômeno.

Nesse “caldo cultural” é grande o número de meninos e, cada vez mais, meninas que sonham em ser jogadores de futebol e obter, assim, sucesso profissional. Essa projeção de futuro “[...] é muito frequente, principalmente nas classes populares, que veem no esporte uma das únicas possibilidades de ascensão na vida” (KUNZ, 2003, p. 45). Como ressaltam Marques e Samulski (2009, p. 103), o futebol “[...] é visto como uma oportunidade de ascensão social e profissional para jovens oriundos de famílias de baixa renda”¹.

Isso não significa que o futebol seja exclusivamente um esporte da classe popular, mas a valorização da profissão se dá em proporções diferentes nas classes sociais. Damo (2005), em sua pesquisa, constatou que, entre escolares porto-alegrenses, ser jogador de futebol está entre as profissões mais prestigiadas, entretanto, a preferência dos alunos da rede pública é maior quando comparada aos discentes da rede particular. Nessa linha, Souza et al. (2008, p. 107) refletem que:

A escola pública talvez não represente uma experiência que ofereça condições reais para a ascensão social e econômica. Sem perspectiva de ingressar em uma universidade ou curso técnico de prestígio como os oferecidos pelas Escolas Técnicas Federais, resta aos jovens homens sonharem com outras possibilidades.

Nessa perspectiva, muitos meninos procuram entrar no universo futebolístico e enxergam nos clubes uma possibilidade concreta de realizar esse sonho. De acordo com Amaral, Thiengo e Oliveira (2007, p. 1), esse desejo também é influenciado pela “[...] mídia esportiva, que enfatiza principalmente o lado ‘positivo’ da profissão, destacando o sucesso de alguns dos nossos principais jogadores”.

Segundo os mesmos autores, esse fato “[...] faz com que muitos jovens, seduzidos por uma vida social de status e independência financeira e incentivados por seus pais, visualizem a carreira de jogador de futebol profissional como uma das mais promissoras” (p. 1).

A maioria dos que conseguem permanecer por algum tempo nesse mundo (categorias juvenil e juniores) parece depositar no desejo de chegar a um *time grande*² todas as suas expectativas e, por isso, direcionam os seus esforços para alcançar o objetivo de viver dessa profissão. Quando isso acontece, coloca-se em jogo, além do sonho e da vontade, um potencial abandono de outros investimentos sociais (estudos, formação profissional, experiência laboral) que se realizam majoritariamente na juventude. Logo, os jovens apostam tudo nessa aspiração e não acreditam em outra possibilidade a não ser tornar-se jogador de futebol profissional. De acordo com Alcântara (2006), uma das frases mais ditas entre meninos de 12 a 16 anos de idade no Brasil é: “Vou ser jogador de futebol profissional” e alguns efetivamente arriscam seu futuro para fazer do dito uma aposta de vida.

No entanto, o que se observa é que um grande número desses atletas, que idealizam ser jogadores profissionais de futebol, não consegue o objetivo de manter-se ou sequer a atuar em uma grande equipe. Estima-se que um percentual muito baixo (cerca de 3,5%) de atletas federados consegue fazer parte da elite do futebol brasileiro. De acordo com Tega (2014), a cada 3 mil crianças que entram nas categorias de base de um clube esportivo, apenas uma jogará futebol profissionalmente. Nessa lógica, a cada 300 mil crianças e jovens que têm a pretensão de serem jogadores de futebol, apenas 100 terão êxito. Desses jogadores, o referido autor faz a seguinte projeção: 15% estarão desempregados, 70% ganharão de 1 a 5 salários mínimos, 10% receberão entre 5 e 20 salários e apenas 10% terão remuneração superior a 20 salários. Com base nessa perspectiva, o autor conclui que o futebol tem gerado imensamente mais frustrações do que realizações.

Neste contexto, tem um grupo jogadores que se convertem em atletas “profissionais”, no entanto, não alcançam um lugar nos grandes clubes e passam a circular em equipes menos estruturadas do futebol brasileiro, convivendo com realidades de: baixos salários, falta de esta-

¹Juntamente com a possibilidade de ascensão social e financeira através do futebol, Samulski et al. (2009) apontam que fatores ligados a mídia têm influenciado o pensamento das crianças para o sonho da profissionalização no futebol.

²Expressão nativa utilizada para referir-se aos clubes da elite do futebol brasileiro.



bilidade profissional, condições precárias para treinar e exercer sua profissão. Essas circunstâncias, muitas vezes, influenciam o abandono da carreira esportiva e fragilizam o processo de transição para uma vida de *não atleta*³.

A respeito deste tema, Brandão et al. (2000) apontam que as transições são intrínsecas à carreira esportiva. Pois, o atleta, durante sua trajetória, passa por diferentes estágios, cada um com suas exigências, requerendo ajustes nas esferas ocupacionais, financeiras, sociais e psicológicas. O abandono da profissão faz parte dessas transições e, como todas as outras, necessita ser realizado com sucesso para não comprometer a vida dos sujeitos. Entretanto, no campo esportivo, essa fase de *não atleta* parece ser uma das que menos atenção desperta dos diferentes atores (dirigentes, treinadores, jornalistas, público e os próprios jogadores). Nessa linha, Brandão et

al. (2000) citam diversas pesquisas realizadas em outros países, constatando que ex-atletas apresentam problemas de adaptação à vida fora do mundo esportivo.

Neste sentido, este trabalho tem por objetivo investigar os principais motivos e as consequências do abandono da profissão de *jogador de futebol*, particularmente de atletas que não permaneceram ou não conseguiram chegar numa equipe da primeira divisão do futebol brasileiro⁴. Para isso, escolheu-se estudar a realidade de um grupo de ex-atletas profissionais de um clube da primeira divisão gaúcha do interior do RS que – como outros clubes do interior – constitui-se num desses espaços *intermediários* que têm a possibilidade de abrir as portas para o mundo do futebol profissional e, ano a ano, torna-se local para que muitos jovens iniciem o caminho incerto de jogar num *time grande*.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo como foco conhecer os fatores que influenciam o abandono da carreira esportiva e as suas consequências, centramos atenção na descrição e na análise das trajetórias de atletas que transitaram no futebol do interior do estado do Rio Grande do Sul. Pata tanto, pautados por uma abordagem qualitativa, desenvolvemos uma pesquisa descritiva, com trabalho de campo. Especificamente, foi pesquisado um conjunto de sete jogadores que fez parte da categoria *juniores*, no período de 1994 a 1997 num clube do interior que não conseguiu permanecer ou fazer parte de um *time grande*.

A maioria desses sujeitos começou nos *juniores*, cuja faixa etária vai até os 21 anos. Essa trajetória teve como ênfase o ano de 1998, quando o grupo em estudo pertencia à equipe profissional do clube pesquisado. O grupo se constituía de 30 atletas, sendo a maioria da região, havendo alguns que não tinham vínculo empregatício com o clube⁵. Grande parte dos atletas de fora da cidade moravam na concentração do clube, tendo direito a refeições, mas eram responsáveis pela limpeza de seus dormitórios e pelos lanches fora de hora (além de almoço e janta). Quem estudava ia à aula de noite, mas a maioria não deu continuidade aos estudos, como ocorre em muitos clubes do interior do estado.

O material de treinamento, quando não havia patrocínio, era formado com *as sobras* do profissional ou até mesmo utilizavam material próprio. Independente das condições econômicas de cada um, apenas os *destaques* nos jogos ganhavam chuteiras. Em definitivo, as condições oferecidas aos atletas muito se diferenciam das proporcionadas em centros de treinamento das instituições mais importantes do futebol brasileiro, como as descritas por Rodrigues (2004) e Damo (2005).

No grupo de atletas *juniores*, aqueles que se sobressaíam nas competições acabavam sendo convidados a treinar junto com a equipe profissional. Quando seu desempenho nesses treinamentos era bom, passavam a ser *aproveitados* profissionalmente, recebendo um valor salarial de acordo com as suas participações nos jogos (cerca de um salário mínimo mensal). Aqueles que não se destacavam nas competições e/ou que *estouravam* a idade eram dispensados do clube.

Desse grupo de *juniores*, se profissionalizaram em torno de 15 atletas. Alguns foram transferidos para outras equipes, outros, mantidos para a disputa do Campeonato Gaúcho do ano de 1998. Muitos dos jogadores formados nesse clube jogaram em vários outros do interior do estado, alguns deles obtendo certa expressão

³Termo utilizado para representar o momento da vida a partir do instante que o sujeito deixa de atuar profissionalmente.

⁴Como apontam Costa et al. (2010, p. 86), “[...] estudar as causas que levam os atletas a se retirarem do esporte é de relevância fundamental para a compreensão de como se conduz o processo de transição da carreira esportiva e a reinserção desse indivíduo na sociedade”.

⁵Os jogadores sem vínculo empregatício, eram jovens “da base” que percebiam a possibilidade de treinar com o grupo como uma oportunidade de chegar ao profissional.



no futebol regional. Entretanto, entre os jogadores desse grupo teve um único atleta que de fato alcançou êxito profissional e fez parte da elite do futebol brasileiro atuando em clubes como Sport Club Internacional de Porto Alegre/RS e o Cruzeiro Esporte Clube de Belo Horizonte/MG, jogando inclusive três temporadas na Itália, sendo uma delas no Napoli.

Para esta pesquisa, esse grupo foi tomado como referência, sendo entrevistados sete de seus componentes⁶, que em sua trajetória profissional não conseguiram atuar

ou permanecer num *time grande*. Para o levantamento de dados, foram realizadas entrevistas orientadas por um questionário, cujos temas centrais foram a trajetória esportiva, o abandono da carreira e a (re)inserção profissional dos pesquisados no mercado de trabalho.

Para preservar a identidade dos entrevistados, seus nomes foram substituídos por um número segundo a sequência das entrevistas. Assim, o Entrevistado 1, passa a ser identificado no texto com a expressão E1, o Entrevistado 2 com E2 e, assim, sucessivamente.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com vistas a apresentar os resultados e efetuar a análise das informações, optamos por descrever inicialmente uma síntese dos elementos comuns nas trajetórias profissionais dos sujeitos pesquisados, para, depois, abordar aspectos particulares de alguns deles. Para melhor observar a parte das informações coletadas, foi elaborado o Quadro 1, agrupando informações relevantes sobre a trajetória e a vida atual dos pesquisados. Entretanto, o limite na extensão desse trabalho

nos levou a excluir cinco temas vinculados à trajetória esportiva, que pretendemos desenvolver em futuros trabalhos: o papel do empresário, a lei do passe, o melhor momento da carreira esportiva, as lesões na vida do profissional do futebol e a mobilidade social intergeracional e intrageracional. Logo, centramos atenção nas seguintes categorias de análise: início da carreira, percurso esportivo, remuneração, clima e ambiente de trabalho e vida escolar.

⁶O critério para definição dos participantes, foi a existência de contato entre um dos pesquisadores e os sujeitos.



Quadro 1 - Dados sobre a trajetória e ocupação profissional atual dos pesquisados

Atletas	Idade com que iniciou a carreira	Valor salarial do início da carreira	Idade com que iniciou no futebol profissional	Idade com que abandonou a carreira esportiva	Média salarial	Ocorrência de lesões (graves) que prejudicaram a carreira	Clubes em que atuou	Nível escolar	Trabalho atual	Valor salário atual
1	17 anos	200 reais	20 anos	29 anos	1000 reais	Não	São Luiz/RS, Avenida/RS, Inter SM/RS, Palmeirense/RS	Ensino superior completo	Funcionário de uma empresa do sistema "S"	1000 reais
2	16 anos	200 reais	19 anos	35 anos	1050 reais	Não	União São João Araras/SP, Botafogo de Ribeirão Preto/SP, Figueirense/SC, Glória/RS, São Luiz/RS, Passo Fundo/RS, Palmeirense/RS	Ensino médio incompleto	Funcionário de uma empresa de energia elétrica	800 reais
3	16 anos	300 reais	19 anos	27 anos	800 reais	Sim	Avenida/RS, Torrense/RS, Inter SM/RS, Olaria/RS, São Luiz/RS	Ensino médio incompleto	Vendedor	900 reais
4	15 anos	230 reais	19 anos	27 anos	800 reais	Sim	Grêmio/RS, São Luiz/RS, Ipiranga/RS, Juventude/SC, Palmeirense/RS, São Gabriel/RS	Ensino médio incompleto	Empresa metalúrgica	600 reais
5	18 anos	200 reais	20 anos	28 anos	1000 reais	Sim	São Luiz/RS, Santa Cruz/RS, Criciúma/SC, Brusque/SC, Tubarão/SC, Inter SM/RS, Brasil de Pelotas/RS	Ensino médio incompleto	Empresa técnico-metal	700 reais
6	16 anos	400 reais	19 anos	38 anos	1200 reais	Não	Grêmio/RS, Criciúma/SC, Novo Hamburgo/RS, Guarani de Bagé/RS, Sapiranga/RS, Internacional/RS, Lages/SC, Palmeirense/RS, Santo Ângelo/RS	Ensino médio incompleto	Funcionário público	700 reais
7	16 anos	200 reais	16 anos	28 anos	1000 reais	Sim	São Luiz/RS, Palmeiras/SP, Santo Ângelo/RS, Inter SM/RS, Atlético/SC, Futebol Alemão	Ensino médio incompleto	Locadora particular e treinador de escolinha	1000 reais

Fonte: os autores (2016)

TRAJETÓRIA ESPORTIVA

A maioria dos entrevistados começou a carreira no interior do Rio Grande do Sul em clubes modestos. Nessa etapa, a maior parte ganhava cerca de um salário mínimo por mês e outros citam uma ajuda de custo, menor que um salário mínimo, destinada ao transporte e alimentação.

Todos jogavam nas categorias de base e passaram a atuar na equipe profissional. Não obstante, o tempo de

permanência nas categorias de base foi diferente entre os ex-atletas pesquisados. Um dos entrevistados passou à equipe profissional já no primeiro ano em que entrara no clube, devido a se destacar na competição estadual – Campeonato Gaúcho (E7). Outros passaram à equipe principal após dois ou três anos nas categorias de base (E1, E2, E3, E5), principalmente em função do



nível de desempenho em treinamentos e jogos.

Dois dos entrevistados (E4, E6) começaram suas trajetórias num *time grande*, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense do Rio Grande do Sul. Um desses sujeitos (E4) acabou não se adaptando à cidade de Porto Alegre, pois a rotina de treinamentos era muito forte, o que o levou a retornar ao futebol do interior, procurando ficar mais próximo da sua família e dar sequência na sua vida esportiva na sua região. O E6, que tinha vínculo com o Grêmio, foi emprestado para o Criciúma Esporte Clube de Santa Catarina, de onde, após um curto período, retornou ao interior do Rio Grande do Sul para jogar na S.E.R. Santo Ângelo⁷ da cidade homônima.

Nesse início de trajetória esportiva, os sujeitos relatam que muitos amigos, colegas de grupo, vizinhança, conhecidos que estavam tanto fora, quanto dentro do mundo do futebol, reforçavam a ideia de que eles conseguiriam obter sucesso na e através da profissão. Nesse sentido, um estudo realizado por Samulski et al. (2009) constatou a influência/importância dos grupos de amigos no processo de ingresso e permanência no esporte. A visão para aqueles que veem o futebol de fora remete à ideia de grandes oportunidades, de uma profissão vantajosa com grandes possibilidades de êxito. Como apontam Souza et al. (2008, p. 88), “O futebol, pela rede de significados que envolve no Brasil, se torna um projeto de vida principalmente para as famílias de camadas populares, quando vislumbram em casa algum jovem com talento para o esporte”. Na mesma linha, Marcos Alvito (apud NUNES, 2006, p. 1), comenta que:

As próprias famílias incentivam os jovens a seguirem carreira no futebol porque sabem que esta é umas das poucas maneiras de saírem da miséria. ‘Se o garoto tem talento, a família deposita nele toda a esperança de mudar sua situação financeira e social’.

Neste sentido, Rodrigues (2004), numa investigação desenvolvida junto a atletas profissionais e em formação do Sport Club Internacional, aponta que o desejo de enriquecer (21%) e o incentivo da família (14%) são dois fatores motivacionais importantes para a escolha do futebol como profissão. Esses dados reforçam a ideia de

que existe uma *crença* coletiva, particularmente nas camadas populares, de que é possível efetivamente chegar a ser um jogador profissional e que tal expectativa não se reduz a um simples *sonho de garoto*.

Quando se indaga sobre o *clima* ou o *ambiente de trabalho* no universo futebolístico, as opiniões ficam divididas; entretanto, existe um predomínio das avaliações negativas sobre as positivas. O E1 é um dos poucos atletas que entende ter sido o futebol essencial em sua formação, destacando particularmente a influência dos seus treinadores. Por outro lado, a maioria considera que o *clima de trabalho* não se caracterizava por um espaço de camaradagem. O E3 comentou a esse respeito, a diferença existente entre o *clima de amizade* característico dos juniores quando comparado com o futebol profissional. Durante o período de juniores E3 teve bastante amizades, reforçando que: “Quando terminava as competições não via a hora de começar novamente para reencontrar os amigos”. No futebol profissional, as relações mudaram, pois acontecia muita “traíagem”⁸ e o *clima de convivência* não era positivo.

Outro ponto importante para compreender o percurso esportivo desse grupo é a descrição da vida financeira durante a trajetória profissional. Quando indagados em relação a seus ingressos econômicos no período profissional, os ex-atletas apontaram que a média salarial no momento melhor remunerado de suas carreiras foi entre 800 e 1500 reais mensais, o que coloca o grupo acima da média na escala de rendimentos do futebol brasileiro da época⁹. O E7 foi o único do grupo que viveu uma situação diferenciada, jogando no exterior chegou a ganhar 8 mil reais por mês.

Grande parte dos participantes relata que, no início da carreira, não havia muitas preocupações com a dimensão financeira, pois não tinham constituído família e os clubes forneciam ao menos “duas refeições diárias e moradia” (E5). Entretanto, à medida que o tempo passava essa questão tornava-se um aspecto mais importante na decisão sobre a continuação da vida profissional.

Os entrevistados destacam pelo menos seis elementos vinculados com a remuneração que influenciaram o abandono do futebol enquanto meio de vida. Em primeiro lugar, aparecem os atrasos salariais. Os ex-atletas

⁷A identificação desse clube é Sociedade Esportiva Recreativa Santo Ângelo, mas é conhecida no estado como S.E.R. Santo Ângelo.

⁸Termo nativo que se utiliza no futebol para o ato ou ação de uma pessoa que fala mal de outra ou tenta prejudicá-la. Um exemplo prático para explicar o termo “traíagem” é um colega da mesma posição no campo, tentar atingir intencionalmente o companheiro, para que este, por motivo de lesão, não possa jogar uma partida.

⁹Segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), citados por Nunes (2004), dos 14.678 jogadores profissionais registrados em 2004, 8.930 (60,8%) ganhavam até 1 salário-mínimo (s.m.), 3.338 (22,7%) ganhavam entre 1 e 2 s.m., 972 (6,6%) entre 2 e 5 s.m., 414 (2,8%) entre 5 e 10 s.m., 393 (2,7%) de 10 a 20 s.m. e 631 (4,3%) acima de 20 s.m.



coincidem em afirmar que na maioria dos clubes em que jogaram as remunerações não eram pagas em dia (E2, E3, E4, E5). Em segundo lugar, que tais pagamentos muitas vezes além de atrasar, não eram recebidos (E2, E3, E4). Nesse sentido, após o término do contrato ou no meio dele, dependendo do andamento da competição, por exemplo, quando a equipe era eliminada os contratos eram unilateralmente rescindidos, levando a *novos* acertos salariais, estes sempre com valores inferiores aos combinados inicialmente. Se o atleta se sentisse prejudicado, poderia ingressar com ação na Justiça ampliando a longa fila de profissionais que esperam anos por uma resolução nos tribunais e, ainda assim, muitas vezes, não recebem seus ganhos. Em terceiro lugar, os contratos curtos, incapazes de dar estabilidade financeira, pois os jogadores poderiam ficar vários meses sem trabalhar. Isso porque os vínculos, em muitos dos clubes, são semestrais ou enquanto o time estiver participando de competições (E1, E3). Em quarto lugar, o afastamento por lesão. Por exemplo, quando o E7 jogava no exterior teve uma lesão séria que o afastou por um ano dos gramados. Nesse período, recebeu do INSS o equivalente a 300 reais, mais 20% do seu salário, pago pelo clube. Em quinto lugar, o fato de muitas vezes morar longe do lugar de origem (família), o que gerava maiores despesas – moradia e viagem, por exemplo – (E2). Em sexto, e último lugar, certa exigência percebida pelo E4 em relação ao padrão de consumo próprio do universo futebolístico. Esse entrevistado relata que o padrão de vida de um jogador profissional fica economicamente mais exigente, pois passa a participar de lugares mais badalados e tem contatos frequentes com a imprensa, demandando, dessa maneira, maiores gastos para manter a boa aparência (por exemplo, E4 argumenta que usar roupa esportiva de *grife* se coloca quase como uma obrigação para muitos jogadores sentirem-se parte do ambiente do futebol).

Em linhas gerais, os entrevistados relatam que passaram dificuldades econômicas durante o tempo que jogaram futebol profissionalmente, fato que exigiu muitas vezes a ajuda de terceiros para se manter (E5). Essas adversidades, entretanto, são mais atribuídas aos elementos descritos acima do que propriamente ao valor dos salários recebidos pela atuação profissional.

Apesar das circunstâncias apresentadas, parte dos jogadores aponta aspectos positivos em relação aos ganhos durante esse período. O E6, que recebia em média cerca de 1500 reais, salienta que, em seu caso,

conseguiu comprar um apartamento, ao passo que o E1 financiou seu curso superior via os benefícios (bolsa) e salários que ganhou jogando futebol. O E7, enquanto esteve fora do país, mesmo que por um curto período de tempo, conseguiu guardar um bom valor financeiro.

Um ponto central que se vincula à trajetória esportiva desse grupo refere-se à vida escolar dos sujeitos. Em geral, o ingresso no universo esportivo não fortaleceu a ideia e as possibilidades de concluir a Educação Básica, como uma forma de preparar-se para a vida profissional pós-atlética. Apenas um, dos sete entrevistados, terminou o ensino médio e um curso superior. Esse achado vai ao encontro do entendimento de Brandão (2001), quando aponta que diversos jovens, dedicam-se a treinamentos no futebol durante anos, não percebendo a necessidade de preparação para uma nova atividade quando encerrar a carreira. Nessa linha, Pires (1994) entrevistou 32 ex-jogadores identificando que o principal motivo do desemprego dos ex-atletas é não terem estudado, dedicando-se exclusivamente ao futebol. Contudo, percebe-se que a maioria dos ex-jogadores participantes desta pesquisa, que não concluiu o ensino médio, não faz uma avaliação negativa dessa situação, nem estabelece um vínculo direto de ter continuado estudando com seu ingresso ao mundo do futebol. De algum modo, não conseguem enxergar prejuízos decorrentes desse cenário. Apenas o E3 comenta estar arrependido de não ter continuado a estudar e o E4 identifica, no tempo curto dos contratos, um dos elementos que dificultou a continuidade da educação formal.

Além dos argumentos já mencionados sobre o apoio familiar para os adolescentes se entregarem *de corpo inteiro* à esperança de ser atleta – o que muitas vezes significa deixar de lado os estudos com o consentimento da família –, Nunes (2006, p. 1) apresenta que o abandono da escola se deve principalmente a dois aspectos:

Primeiro, de acordo com Proni o estudo não é mais visto como uma maneira de quebrar o ciclo da miséria [...]. Os cargos com maiores salários, por exemplo, exigem que o candidato tenha, no mínimo, curso universitário, conhecimento de informática e de idiomas, só os ensinamentos fundamental e médio não garantem um bom emprego e melhoria de vida.

O segundo aspecto [...] é a alta carga horária de treinamentos exigida pelos clubes¹⁰. De acordo com Alvito, um jogador que começa a

¹⁰Em um estudo realizado por Costa et al. (2010), com vinte e cinco ex-atletas de futebol, o volume de treinamento apareceu como um dos principais fatores que dificultaram o desempenho escolar dos atletas, uma vez que 58% dos participantes da pesquisa não completaram o ensino fundamental.



treinar ainda criança aqui no Brasil tem uma formação profissional de aproximadamente 5 mil horas. Um curso universitário exige uma carga horária de 3,6 mil horas. 'É mais do que o tempo de uma faculdade, então os poucos que tentam estudar, no máximo frequentam a escola, mas não são realmente estudantes'.

O ABANDONO DA CARREIRA ESPORTIVA

Abandonar uma profissão é um processo sempre complicado, complexo e com numerosos desdobramentos. Afastar-se do trabalho que não apenas se quer, mas também para o qual o sujeito entende estar predestinado, parece ser ainda mais difícil e "dolorido"¹¹.

Os pesquisados foram indagados sobre as circunstâncias que os levaram a tomar a decisão de deixar definitivamente o futebol profissional. Em linhas gerais, as respostas permitem identificar duas dimensões claramente entrelaçadas. Por um lado, os aspectos vinculados ao universo futebolístico e por outro, à dimensão pessoal.

Os baixos salários, os atrasos permanentes no pagamento dos vencimentos, o não cumprimento dos contratos, entre outros, parecem não ser um obstáculo maior para os jovens futebolistas sem família (companheira e filhos) se manter nos clubes atrás da *grande chance*. No entanto, quando os jogadores passam a constituir família ou pensar nisso, sem dúvidas esses fatos normais nas equipes de futebol passam a ser uma fonte permanente de conflito e um forte motivo do abandono profissional. Nesse sentido, E2, E3, E5, E6 e E7 coincidem em apontar os problemas financeiros como um elemento comum para o abandono. Também, alguns (E2 e E5) sinalizam que a vida de jogador de futebol exige viajar para jogar, ficar em concentrações, morar em outras cidades, significando permanecer muito tempo longe da família. O E7 comenta que, além dos problemas financeiros, outro fator para a desistência foi um certo esgotamento com os códigos da profissão – em função da austeridade do ambiente e da

Por outro lado, o E1 relata que tinha consciência de que o futebol não iria durar a vida toda. Por essa razão, mesmo jogando em várias cidades se esforçou para manter os estudos, como forma de uma preparação para a vida após o término da carreira. Mesmo demorando sete anos para conseguir concluir o ensino superior, o E1 nunca desistiu de estudar.

ausência da ética profissional. Nesse sentido, E7 afirma: "*Me cansou a traiagem [...], é difícil confiar nas pessoas, pela falta de caráter e honestidade no meio do futebol*".

Abandonar a profissão tem impacto na organização social e pessoal dos sujeitos. No caso dos ex-atletas entrevistados na pesquisa, foi possível observar que a saída da vida esportiva exigiu ajustes em diferentes dimensões de suas vidas, sendo uma mais subjetiva e outra mais objetiva. A dimensão subjetiva combina certo sentimento de fracasso pelo sonho não alcançado e uma sensação de estar abandonando uma condição sócio-profissional de destaque, um espaço sonhado por muitos e ocupado por poucos. A dimensão objetiva, constitui-se na dificuldade concreta de inserir-se no universo do trabalho *extra futebolístico*.

Na primeira dimensão, mais subjetiva, o E3 destaca que investiu todas as suas forças no futebol, constatando posteriormente que: "*[...] não deu, acho que nessa vida a alegria é para poucos*". Ele admite que o impacto maior é enfrentar a realidade de não mais fazer parte do futebol profissional e de não ter conseguido obter sucesso. Nesse sentido, o E2 comenta que: "*Não é bem assim sair da vida profissional e retornar à vida fora do futebol, é uma mudança muito grande, pois o que gostava de fazer era jogar futebol e, quando se para, o futebol deixa um vazio muito grande*". Na mesma linha, o E4 referencia que é muito difícil deixar algo que foi importante em grande parte de sua vida: "*O amor e o carinho pelo futebol nunca acabaram [...], ainda estou aprendendo a viver fora dessa realidade*"¹³. O

¹¹Rodrigues (2004) constatou que para 50% do grupo que ele pesquisou o principal motivador para ser jogador de futebol é a crença no dom. Essa compreensão sobre a capacidade de desempenho estar vinculada a uma capacidade inata também foi identificada por Scaglia (1999). O autor aponta que alguns entrevistados acreditavam que: "Jogar futebol é um dom inato ou mesmo divino" (ibidem, 1999, p. 164).

¹²As concentrações (50%) e a renúncia à vida pessoal (26,8%) também são percebidas como sacrifícios dos jogadores durante o processo de formação (RODRIGUES, 2004).

¹³Nessa linha, Costa et al. (2010) identificaram que apenas 4,52% dos participantes de um estudo que eles realizaram, planejaram o término da carreira, enquanto 48% não tiveram tal preocupação.



E5, por sua vez, relata que, quando sai na rua e encontra com amigos e estes perguntam onde está jogando, acaba ficando muito aborrecido, pois como afirma: “*É difícil de aceitar a realidade, tendo estado envolvido com o futebol*”. No mesmo viés, o E1 salienta que o abandono do lugar de destaque é um “baque” devido à falta que sente do “*Contato com os torcedores [...]*”. O E7 também considera que ser jogador de futebol é ser uma pessoa reconhecida, uma vez que: “[...] *se está na mídia, no rádio, na televisão ... o jogador é o ‘cara’, mas quando se para, se torna um ‘zê-ninguém’... cai no esquecimento*”.

Na dimensão objetiva, encontramos os problemas de inserção no universo laboral para pessoas com idade próxima aos trinta anos, praticamente sem experiência fora do universo futebolístico e com pouco estudo¹⁴. O E7, por exemplo, relata que o primeiro impacto, quando parou de jogar profissionalmente, foi o de se questionar: “*E agora que terminou o esporte o que ou fazer? Onde vou trabalhar?*”. Comenta que acabava brigando com sua esposa quando esta lhe dizia para que levasse seu currículo às empresas, o que o levava a perguntar: “*Deixar o currículo onde, se o que fiz a vida toda foi jogar futebol?*”.

De qualquer modo, os ex-atletas pesquisados deram

continuidade à sua vida laboral como empregados no comércio (E3), na indústria (E2, E4, E5) e na função pública (E6). Diferentes são os casos do E1, que conseguiu ingressar no campo profissional para o qual estudou e o E7, que montou seu próprio negócio.

A adequação aos novos empregos para, o primeiro grupo, foi bastante dura. O E3 comentou que, no início, a adaptação foi difícil, pois ele gostava de jogar futebol, mas a possibilidade de receber salário em dia e ficar perto de sua família compensou o afastamento do esporte. Similar foi a avaliação do E4, que comentou ter sido difícil a adaptação, principalmente devido ao horário de trabalho, que iniciava às 5h45min da manhã, mas, que como precisava trabalhar para se *manter*, acabou se acostumando.

Percebemos que a reinserção em uma carreira profissional não é, na maioria dos casos (E2, E3, E4, E5, E6), prestigiada pelos pesquisados, ou seja, eles entendem esses espaços mais como um lugar no qual se busca o sustento familiar do que como um espaço de realização profissional. O futebol continua sendo o lugar onde eles gostariam de trabalhar, apesar dos constrangimentos econômicos e da falta de efetivação das responsabilidades contratuais por parte dos clubes, que os entrevistados viveram nesse universo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos descrever a realidade de um grupo jogadores de futebol, que investiram seus esforços para alcançar sucesso como atletas profissionais, mas não atingiram seus objetivos e, hoje, buscam reconstituir suas vidas tanto na dimensão subjetiva quanto na esfera objetiva, notadamente no aspecto sócio/profissional.

No contexto do grupo pesquisado, as principais causas do abandono da carreira esportiva se centraram nas precárias condições de trabalho oferecidas para os atletas, vinculadas aos valores salariais e, particularmente, ao não cumprimento dos compromissos contratuais por parte dos clubes. Isso nos leva a pensar que o futebol brasileiro é sustentado, em grande parte, pela exploração de uma massa enorme de jogadores que apostam seu futuro profissional numa ilusão. Essa situação é particularmente propiciada por um contexto social injusto, que leva muitas crianças a ver nesse universo uma das poucas possibilidades de ascensão social. Conforme Nunes (2006, p. 1): “A maioria dos garotos de origem pobre no Brasil sonha em ser jogador de futebol [...]. A exemplo de jogadores como Romário e Ronaldo, que vieram de comunidades po-

bres e rapidamente ficaram milionários, muitos garotos querem seguir carreira nos gramados”.

Enquanto a desigualdade social no Brasil continuar em níveis exorbitantes e, também, as possibilidades de ascensão na sociedade continuarem sendo restritas, milhares de crianças continuarão apostando seu futuro para *subir na vida*, via o futebol. Consequentemente, os clubes e os agentes que *exploram* o mercado desse esporte poderão continuar com suas práticas, posto que diariamente tem novos garotos dispostos a realizar o grande sonho, interessados em tomar o lugar daqueles quem não suportarem as “exigências” do ambiente futebolístico. Situação que se acentua, também, pela ausência de projetos formativos nessa área.

A pesquisa permitiu, também, constatar as consequências subjetivas e objetivas do abandono da carreira esportiva. Entendemos que se destacam dois, entre os diversos problemas: a) a necessidade de reconstruir uma nova identidade, a de um *não atleta*. Pois, para o jogador de futebol não é fácil deixar o sonho pelo qual viveu durante um período importante de sua existência, tendo a relação com o torcedor, os meios de comunicação, enfim, o reconhecimento



to e a “badalação” que lhe são dispensados por não mais fazer parte do futebol, passando a ser um “simples mortal”; b) o fato de que a maioria dos atletas não está preparada para inserir-se noutros espaços laborais, basicamente por ter acreditado (em demasia) na possibilidade de lograr sucesso no futebol, deixando de lado a preparação pessoal/profissional

para o momento em que não mais pudessem jogar. Os desdobramentos dessa situação são nefastos para subjetividade humana e podem ser evidenciados a medida que os atletas estudados não conseguem correlacionar (avaliar) o aspecto negativo ao terem abandonado o ensino regular em detrimento do ingresso ao mundo do futebol.

REFERÊNCIAS

AMARAL, P. R. T.; THIENGO, C. R.; OLIVEIRA, F. I. S. Os motivos que levaram jogadores de futebol amador a abandonarem a carreira de jogador profissional. **Efdeportes.com**, ano 12, p. 115-1, 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd115/motivos-que-levaram-a-abandonarem-a-carreira-de-jogador-profissional.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BRANDÃO, M. R. F. et al. Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 2000, v 8. n.1, 2000. p. 48-58.

BRANDÃO, M. R. F. Transição de carreira esportiva em jogadores de futebol profissional. São Paulo, SP: **I Simpósio Internacional de Psicologia do Esporte**, 2001.

COSTA, V. T. et al. Fases de Transição da Carreira Esportiva. **Conexões** (Campinas. Online), v. 8, p. 84-103, 2010.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**. Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005, 435 p. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

KUNZ, E. **Didática da Educação Física 3: Futebol**. Ijuí: Unijuí, 2003.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

NUNES, C. Jovens buscam ascensão social nos gramados. **Comciência**: revista eletrônica de jornalismo científico. n. 79. 2006. Disponível em: <http://www.oei.es/divulgacioncientifica/reportajes_280.htm>. Acesso em: 10 mar. 2015.

PIRES, J. G. **O viver de ontem e de hoje do jogador de futebol profissional**: o caso da cidade de Bauru. 1994. 97 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba: Piracicaba, 1994.

RODRIGUES, F. X. F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, n. 11, 2004, p. 260-299.

SAMULSKI, D. M. et al. Análise das transmissões das carreiras esportivas de ex-atletas de alto nível. **Motriz**, v. 15, n. 2, p. 310-317, 2009.

SCAGLIA, Alcides J. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SOUZA, C. A. M.; VAZ, A. F.; BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. G. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, v. 2, 2008, p. 22-34.



TEGA, E. **Futebol e sustentabilidade**: Eduardo Tega – TEDxInatel. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ImHRzXfzlYY>>. Acesso em: 09 mar. 2015.